

A pré-história da Linguística

Textos de referência:

CARBONI, Florence. *Introdução à linguística*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp. 09-36.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: *Introdução à linguística: objeto teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 11-24.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. pp. 07-14.

“Como toda ciência, a Linguística construiu-se historicamente a partir da acumulação de teorizações sobre a natureza e o funcionamento da linguagem verbal e das línguas, que, de modo geral, refletiam apenas parte da sua complexidade. Nesse sentido, é impossível compreender a Linguística sem compreender a história de seu desenvolvimento. E fazer a história da Linguística é fazer a história das práticas dos linguistas e de seus discursos sobre a linguagem verbal.”

(Florence Carboni, 2008)

1. A pré-história da Linguística

- “Na Antiguidade, geralmente, foram motivações práticas que levaram os seres humanos a refletir sobre a estrutura das línguas e o seu uso. Para a consciência e a análise metalinguísticas, foram fundamentais a invenção e o avanço dos sistemas de escrita no Mundo Antigo.” (Carboni, 2018, p.11)
- A elaboração da gramática hindu por Panini estaria ligada à preocupação em conservar o sânscrito, língua antiga, considerada perfeita, que veicula a literatura védica (cerca de 2000 – 500 a.c.). A própria palavra *sânscrito* significaria ‘perfeito’. Quando, no século terceiro a.c., o sânscrito deixou de ser falado em favor dos *praktis* – línguas vulgares, provenientes do sânscrito –, a gramática hindu assumiu uma função filológica. Panini, o mais conhecido dos gramáticos hindus, viveu nos séculos sexto-quinto a.c. Sua gramática é constituída de cerca de quatro mil regras, que descrevem minuciosamente o funcionamento do sânscrito, sobretudo em termos articulatórios.” (Carboni, p.16)



Um selo comemorativo com a imagem de Panini

- “A **gramática hindu** é a primeira conhecida na história da humanidade que analisa o que a Linguística denominaria mais tarde de *níveis da descrição linguística* – unidades significativas e traços fônicos. [...] A importância do sânscrito, de sua descrição gramatical e de sua comparação com as línguas europeias só se materializaria quase dois milênios mais tarde, fazendo avançar consideravelmente as ideias linguísticas por meio dos estudos linguístico-comparativos.” (Carboni, pp.16-17, grifos meus)



Um manuscrito, do século XVII, do tratado de gramática de Panini

- “No século segundo a.c., o gramático Dionísio Trácio (170-90 a.c.) ressaltou as regularidades analógicas – e, portanto, não naturais – do sistema morfológico [sua escola era chamada de *analogista*] e dividiu a diversidade

dos elementos da linguagem em oito partes: artigo, nome, verbo, princípio, pronome, advérbio e conjugação.” (Carboni, p.17)

- “Os estoicos contestavam os analogistas e defendiam o caráter natural da língua, destacando suas irregularidades. Essa escola ficou conhecida como **anomalista**. Inicialmente, a gramática anomalista classificou as palavras em quatro classes – nome, verbo, conjunção, artigo – e, a seguir, em cinco, dividindo a classe dos nomes em próprio e comuns.” (Carboni, pp.17-18)
- “Weedwood considera que, naquele então [na Grécia], se opunham duas visões da natureza da língua e da linguagem: ‘[...] a língua(gem) como fonte de conhecimento e a língua(gem) como um simples meio de comunicação’. Se a língua possui um vínculo, direto e essencial com a realidade, como seu espelho, então seu estudo seria um caminho para o conhecimento da realidade. Caso o sentido das palavras seja arbitrário, a língua não apresenta interesse para um maior conhecimento da realidade, e seu estudo se limitaria ao entendimento do funcionamento da língua enquanto meio de comunicação.” (Carboni, p.18-19)

2. A Linguística confunde-se com a Gramática e com a Filologia

- “[...] à medida que traduções de obras dos filósofos gregos conheciam uma maior divulgação, sob novas formas, voltava a ter força o antigo debate grego entre as duas visões de linguagem – linguagem natural (physei) versus linguagem imposta pela convenção social (thései). Personagens como Santo Agostinho, seguindo Platão, consideravam que as palavras eram manifestações concretas das ideias e que havia uma relação intrínseca entre elas e seus referentes: eram os **realistas**. Para os **nominalistas**, como Tomás de Aquino, herdeiros de Aristóteles, as palavras não eram as coisas, mas apenas os nomes das coisas, estabelecidos por convenção.” (Carboni, p.22)
- “Os séculos XVII e XVIII vão dar continuidade às preocupações dos antigos. Em 1660, a Grammaire generale et raisonnée de Port Royal, ou Gramática de Port Royal, de Lancelot e Arnaud, modelo para grande número de gramáticas do século XVII, demonstra que **a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento** e que, portanto, os princípios de análise

estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.” (Petter, p.12, grifos meus)

- O estudo da Gramática, “inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.” (Saussure, p.7)
- “Em fins do século XVIII, quando das lutas entre a França e a Inglaterra pela exploração colonial da Índia, os meios intelectuais europeus tomaram conhecimento das descrições fonéticas e morfológicas realizadas por gramáticos hindus na Antiguidade e do sânscrito, a língua hindu antiga objeto dessas descrições. Como o sânscrito possuía inúmeras e profundas afinidades com o latim, o grego e outras línguas antigas (gótico, celta, persa, etc.), tornou-se evidente para os especialistas a origem comum dessas línguas. Segundo Orlandi, ‘o alvo visado, então, não é mais a língua ideal mas a língua-mãe. O ideal racionalista cede seu lugar ao ideal *romântico*: não se busca a perfeição, se busca a *origem*’.” (Carboni, p.25)
- “A proposta dos comparatistas da existência de uma protolíngua indo-europeia, anterior às línguas conhecidas, deu-se a partir do estudo de material linguístico objetivo. A preocupação histórica dos comparatistas evidenciava-se na teoria das árvores genealógicas das línguas indo-europeias. Essas teorias defendiam que, do tronco, ou seja, da língua-mãe, o indo-europeu, se destacariam, por ramificações sucessivas, as línguas-filha, que continuariam ramificando-se.” (Carboni, p.27)
- “Eis um exemplo: considerando-se o paradigma do latim *genus* (*genus, generis, genere, genera, generum, etc.*) e o do grego *génos* (*génos, géneos, génei, génes, genéon, etc.*) estas séries não dizem nada quando tomadas isoladamente ou comparadas entre si. Mas a situação muda quando se lhe aproxima a série correspondente do sânscrito (*ganas, ganasas, ganasi, ganassu, ganasam, etc.*). Basta uma rápida observação para perceber a relação existente entre os paradigmas grego e latino. Admitindo-se provisoriamente que *ganas* represente a forma primitiva, pois isso ajuda a explicação, conclui-se que um *s* deve ter desaparecido nas formas gregas *gene(s)os*, etc., cada vez que ele se achasse colocado entre duas vogais.

Conclui-se logo daí que, nas mesmas condições, o *s* se transformou em *r* em latim. Depois, do ponto de vista gramatical, o paradigma sânscrito dá precisão à noção de radical, visto corresponder esse elemento a uma unidade (*ganas-*) perfeitamente determinável e fixa. Somente em suas origens conheceram o grego e o latim o estado representado pelo sânscrito. É, então, pela conservação de todos os *ss* indo-europeus que o sânscrito se torna, no caso, instrutivo.” (Saussure, pp.8-9)

- “O verdadeiro objetivo do comparatismo em Linguística era o estabelecimento do parentesco entre as línguas, e não a história de sua evolução. Nesse sentido, ele diferenciava-se da Linguística Histórica” (Carboni, p.27)

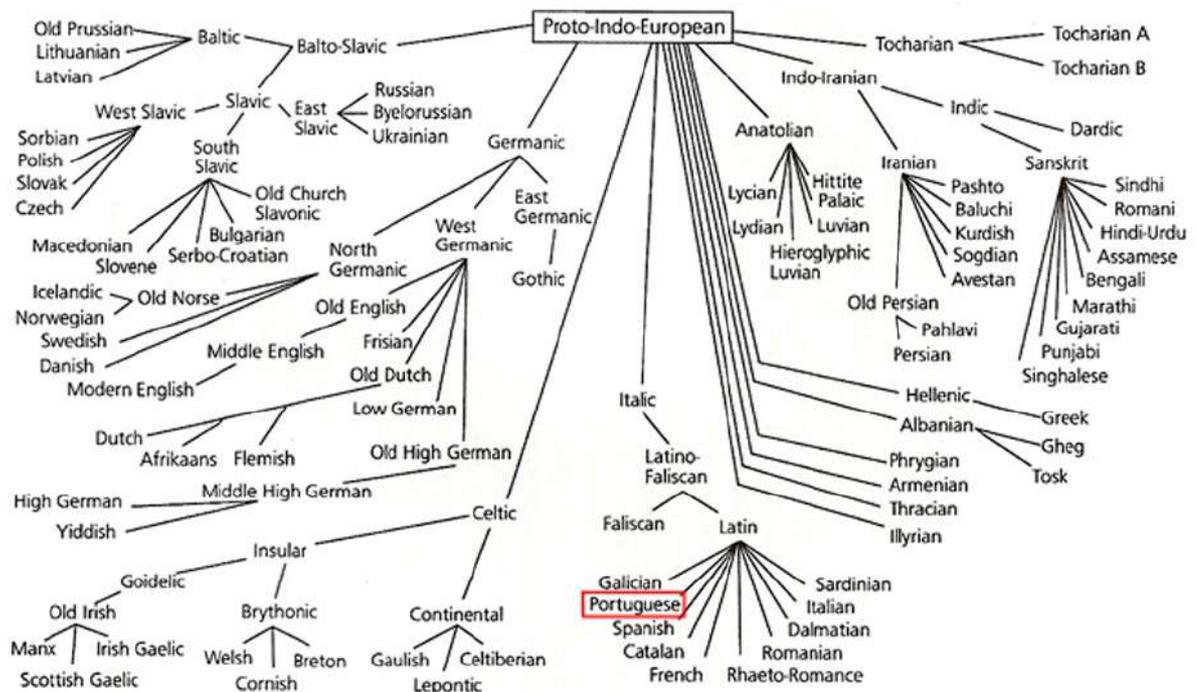


Imagem obtida no site: http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/images/indo_europeu_700.jpg

- “A Linguística Histórica pretendia-se essencialmente científica. Ela defendia o estudo não da origem da linguagem, mas das transformações conhecidas pelas línguas, a partir de fase comum indo-europeia.” (Carboni, p.31)